



Recebido em:
02/08/2017
Aprovado em:
03/08/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

RESSIGNIFICAÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS: PARA UMA SOCIEDADE INCLUSIVA

MAGNA MARIA DE OLIVEIRA SANTOS
OLIVIA MARIA PORTO RODRIGUES MANZO
MAGNA CECILIA SOBRAL SILVA

EIXO: 12. PSICOLOGIA, APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO: ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS E PSICOSSOCIAIS

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo promover uma análise acerca da psicopedagogia que sempre foi reconhecida por sua intervenção clínica, que atualmente tem tido um grande crescimento da ação nas escolas, sobretudo numa perspectiva institucional. Este trabalho justifica-se por discutir o que é problema, dificuldade, fracasso, ou mesmo sintoma na aprendizagem, com o intuito de integrar afetividade/cognição para fortalecimento vinculares entre ensinante/aprendente. Afinal, o que a nossa sociedade define como sucesso Um mau êxito em quê São perguntas que precisam de respostas e fatores que necessitam de **ressignificações psicopedagógicas**. É uma pesquisa básica, explicativa, bibliográfica e qualitativa. As ferramentas metodológicas de coleta de dado foram: pesquisa bibliografia e de campo.

Palavras-chaves: Ressignificar. Fracasso. Sintoma. Desejo. Fracasso.

ABSTRACT

The present research aims to promote an analysis about psychopedagogy that has always been recognized by its clinical intervention, which has now seen a great growth of action in schools, especially in an institutional perspective. This work is justified by discussing what is problem, difficulty, failure, or even symptom in learning, in order to integrate affectivity / cognition to strengthen bonding between teacher / learner. After all, what does our society define as success A bad success in what These are questions that need answers and factors that require psychopedagogical re-significances. It is a basic, explanatory, bibliographical and qualitative research. The methodological tools of data collection were: bibliography and field research.

Keywords: Resign. Failure. Symptom. Desire. Failure

RESSIGNIFICAÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS: PARA UMA SOCIEDADE INCLUSIVA

Eixo Temático 12: Psicologia, Aprendizagem e Educação: aspectos psicopedagógicos e psicossociais.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo promover uma análise acerca da psicopedagogia que sempre foi reconhecida por sua intervenção clínica, que atualmente tem tido um grande crescimento da ação nas escolas, sobretudo numa perspectiva institucional. Este trabalho justifica-se por discutir o que é problema, dificuldade, fracasso, ou mesmo sintoma na aprendizagem, com o intuito de integrar afetividade/cognição para fortalecimento vinculares entre ensinante/aprendente. Afinal, o que a nossa sociedade define como sucesso Um mau êxito em quê São perguntas que precisam de respostas e

fatores que necessitam de **ressignificações psicopedagógicas**. É uma pesquisa básica, explicativa, bibliográfica e qualitativa. As ferramentas metodológicas de coleta de dado foram: pesquisa bibliografia e de campo.

Palavras-chaves: Ressignificar. Fracasso. Sintoma. Desejo. Fracasso.

ABSTRACT

The present research aims to promote an analysis about psychopedagogy that has always been recognized by its clinical intervention, which has now seen a great growth of action in schools, especially in an institutional perspective. This work is justified by discussing what is problem, difficulty, failure, or even symptom in learning, in order to integrate affectivity / cognition to strengthen bonding between teacher / learner. After all, what does our society define as success A bad success in what These are questions that need answers and factors that require psychopedagogical re-significances. It is a basic, explanatory, bibliographical and qualitative research. The methodological tools of data collection were: bibliography and field research.

Keywords: Resign. Failure. Symptom. Desire. Failure

INTRODUÇÃO

A Psicopedagogia vem proporcionando novas possibilidades para que a escola comece a reverter um quadro alarmante: o da exclusão social. Historicamente foi reconhecida por sua intervenção clínica e atualmente, observa-se um crescimento de sua ação nas escolas, sobretudo numa perspectiva institucional. Desta forma ela vem alicerçando sua prática de prevenção e assessoramento a professores e toda comunidade escolar. Como se preocupa com os problemas de aprendizagem, ocupa-se inicialmente com o processo de aprendizagem, como se aprende, como essa aprendizagem varia, e como se produzem as alterações e como reconhecê-las, tratá-las e preveni-las. Esse é o mérito para a qual ela foi criada, exercer seu papel a fazer: **Ressignificações para uma sociedade inclusiva**.

Papel ocupado para se pré-ocupar, e assim fazer prevenção, de uma necessidade humana, que surgiu de uma demanda: O problema de aprendizagem. Que sempre foi colocado num território pouco explorado, situado além dos limites da Psicologia e da própria Pedagogia. Seu trabalho na instituição escolar apresenta duas naturezas: A primeira diz respeito a uma Psicopedagogia voltada para o grupo de alunos que apresentam dificuldades na escola. Seu objetivo é reintegrar e readaptar o aluno à situação de sala de aula, a possibilitar o respeito às suas necessidades e ritmos. Enquanto a segunda refere-se à assessoria junto a pedagogos, orientadores e professores. Tendo como objetivo trabalhar as questões pertinentes às relações vinculares professor/aluno e redefinir os procedimentos pedagógicos.

Ressignificações psicopedagógicas para uma sociedade inclusiva é integrar o afetivo e o cognitivo, e assim, desenvolver através da aprendizagem dos conceitos, as diferentes áreas do conhecimento, seja para alunos como professores. Segundo (BOSSA, 2000), o objeto central de estudo da Psicopedagogia está se estruturando em torno do processo de aprendizagem humana: seus padrões evolutivos normais e patológicos, bem como a influência do meio, seja a família, escola, e sociedade, no seu desenvolvimento.

Neste contexto, Maturana (1998) faz uma análise a partir do exemplo na criação de filhos, portanto ao fazer ressignificações:

Quero um mundo em que meus filhos cresçam como pessoas que aceitam e se respeitam, aceitando e respeitando outros num estado de convivência em que os outros aceitam e respeitam a partir do aceitar-se e respeitarem-se a si mesmos (MATURANA, 1998 p.30).

Querer um mundo melhor para si e para o outro, é o que a autora Oliva ressalta em verso e prosa em sua obra, ao dizer que não há possibilidade de escolarização sem esta condição apriorística: a responsabilidade do sujeito para com seu semelhante, e, em última instância, para com a cultura da qual o professor seria um porta-voz privilegiado, um elemento de conexão desta com aquele. Também é óbvio que não há possibilidade de a escola assumir a tarefa de estruturação psíquica prévia ao trabalho pedagógico; ele é de responsabilidade do âmbito familiar.

Nesse sentido, a estruturação escolar não poderá ser pensada apartada da família. Em verdade, são elas as responsáveis pela educação em seu sentido amplo, visto que o processo educacional depende da articulação destes dois âmbitos institucionais que não deveriam justaporem-se. Antes, são duas dimensões que, na melhor das hipóteses, complementam-se e articulam-se.

Família e escola devem e podem ressignificar suas práticas para formação de uma sociedade inclusiva. Com o intuito de simbolizar a indisciplina revelada.

Porto (2010), em sua pesquisa leva o leitor a perguntas reflexivas, como: o que a indisciplina estaria revelando? Que se trata, supostamente, de um sistema de relações familiares desagregadoras, incapazes de realizar a contento sua parcela no trabalho educacional das crianças e adolescentes. Sendo necessário uma força tarefa de ressignificações psicopedagógicas para uma sociedade inclusiva. Pois o processo, como já ninguém desconhece, desenrola-se mais ou menos assim: diante das dificuldades que se apresentam no dia-a-dia, professores culpam os alunos, que culpam os professores, que culpam o governo, que culpa os professores, que culpam a sociedade, e assim por diante, estabelecendo-se um círculo vicioso e improdutivo de imputação de responsabilidades sempre a algum outro segmento envolvido.

O que se averigua em sua análise é que, do “atacado” das causas abstratas ao “varejo” dos seus efeitos concretos, uma tônica comum parece perpassar o modo com que temos enfrentado nossos dilemas profissionais: a responsabilização cabal da clientela pelas dificuldades conjunturais, quando não pela inviabilidade estrutural do trabalho pedagógico, o que se traduz concretamente nos altíssimos e inadmissíveis níveis de reprovação.

E porque não trabalhar a partir da possibilidade de prevenção dos níveis de reprovação, seguindo orientações como: primeiro nível, o de ficar atento ao fator o psicopedagogo atua no sentido de diminuir a frequência dos problemas de aprendizagem. Seu trabalho recai nas questões didático-metodológicas, bem como na formação e orientação de professores, além de fazer aconselhamento aos pais; segundo nível: diminuir e tratar dos problemas de aprendizagem já instalados, a partir dos quais se procura avaliar os currículos com os professores para que não se repitam tais transtornos; por fim, terceiro nível: eliminar os transtornos num procedimento clínico com todas as suas implicações. Portanto, como afirma Bossa (2002) em sua obra, os níveis acima citados podem ser vistos a partir de níveis citados, que se integram e dão sequência a um possível entendimento ou reconhecimento dos problemas, no entanto há um papel muito importante do psicopedagogo nesse processo.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é básica, descritiva e qualitativa. Como também, objetiva investigar, por meio de um estudo bibliográfico, onde o uso de fichamentos, relatórios e questionários, serão ferramentas de subsídio para as discussões propostas na pesquisa. A pesquisa de campo é outra ferramenta importante no processo investigativo e de levantamento de dados, principalmente por se tratar de uma pesquisa qualitativa e que utilizara do método de abordagem indutivo. De acordo com Silva (2005, pág. 41-42, grifo nosso), **é necessário que você obtenha os materiais considerados úteis à realização da pesquisa.**

Contudo, é preciso, então, localizá-los, porque segundo o autor supracitado, o fichamento irá permitir: identificação das obras lidas, análise de seu conteúdo, anotações de citações, elaboração de críticas e localização das informações coletadas que foram consideradas importantes. Embora ele sinalize para a importância da revisão de literatura, afirmando que é fundamental que se realize, porque ela fornecerá elementos para você evitar a duplicação de pesquisas sobre o mesmo enfoque do tema (SILVA, 2005, pág.30).

Contudo, a pesquisa parte do pressuposto que há um fenômeno ou problema a ser investigado, a partir de uma observação que conseqüentemente possa trazer uma melhor compreensão, onde o pesquisador fará o papel de imparcial, e o participante não estarão neutros ao problema. No entanto, ainda segundo o autor supracitado, a pesquisa é qualitativa por envolver coleta de dados, e integração social do pesquisador com o fenômeno pesquisado.

Dentre as estratégias a serem seguidas, será realizado a coleta de dados, a partir do uso de questionários, entrevistas e observação do ambiente, comportamento das pessoas pesquisadas e envolvidas na pesquisa, elementos e estratégias citados por Appolinário (2015) em sua obra,

(...) A coleta de dados é realizada mediante o uso de alguma técnica ou instrumento de pesquisa. Por exemplo: podemos coletar nossos dados por meio de um questionário, uma entrevista, um microscópio, uma observação direta de comportamento de pessoas, um tomógrafo computadorizado etc.(...) (APPOLINÁRIO, 2015, pág. 65).

Todos os elementos acima citados são encontrados e utilizados na pesquisa de campo, entretanto, não menos importante a pesquisa bibliográfica e documental possui a sua importância e papel por subsidiar as discussões, contextualiza e

conceituar a temática proposta.

O Método de abordagem ou procedimento utilizado será o indutivo. E pelo viés da natureza da pesquisa ela é qualitativa, visto que, a mesma parte do pressuposto que há um fenômeno ou problema a ser investigado, a partir de uma observação que consequentemente possa trazer uma melhor compreensão, onde o pesquisador fará o papel de imparcial, e o participante não estarão neutros ao problema.

UMA BREVE CONVERSA SOBRE RESSIGNIFICAÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS

O que pode se observar ao longo dos anos é que permanece o caráter preventivo, uma vez que ao eliminar um transtorno, estar prevenindo o aparecimento de outros. Na sua tarefa junto às instituições escolares, o psicopedagogo, numa ação preventiva, deve adotar uma postura crítica frente às dificuldades de aprendizagem, visando propor novas alterações de ação voltadas para a melhoria da prática pedagógica nas escolas. Para resolver o fracasso escolar necessita-se recorrer principalmente os planos de prevenção nas escolas e trabalhar para que o professor/aluno possa ensinar/aprender com prazer. E assim, observando-se poder denunciar a violência encoberta e aberta, instalada no sistema educativo, entre outros objetivos.

Na análise do papel da escola diante desse fenômeno particular, porém sintomático, do mundo em que vivemos. O objetivo principal é contribuir para uma maior aproximação dessa realidade que, ao mesmo tempo em que se impõem nos escapa: o fracasso escolar. Este contribuindo para uma sociedade excludente e merecedor de uma **Ressignificação psicopedagógica**. Por isso, seguindo raciocínio de Fonseca (1987), onde o mesmo afirma que a exclusão sutil de crianças e jovens com dificuldades de aprendizagem da política de educação não tem sido acidental. Observando que as crianças e os jovens com dificuldades de aprendizagem não desfrutam ainda de uma categoria educacional própria, certamente tal situação seja visto como ameaça em termos de recursos financeiros limitados.

Sucesso e fracasso em termos de aprendizagem parecem ser uma perigosa invenção da escola. Verdadeiramente questionáveis são os indicadores desses conceitos que tendem a provocar uma oposição entre as práticas avaliativas e o respeito às crianças e aos jovens brasileiros no seu direito constitucional à educação. Tornar-se objetos, precisos e mensuráveis, os indicadores de sucesso e fracasso permanecem, ainda, como um dos mais sérios intentos de todas as escolas, que negam a individualidade de cada educando em razão de parâmetros avaliativos perversos e excludentes. Focalizar o fracasso ou o sintoma escolar, com base em diferentes perspectivas como: análise do sintoma em sua determinação cultural, análise do sintoma no contexto da instituição escolar e análise do sintoma no contexto da singularidade individual, deve ser considerado como base na estrutura da personalidade. O termo sintoma significa, nessa abordagem, um entrave que faz sinal.

Sinaliza que a nossa cultura a escola vai mal, como afirma Olivia: a família sofre e a criança adocece. Assim, a expressão sintoma escolar refere-se a todo tipo de entrave que leva ao fracasso escolar seja decorrente de aspectos institucionais, culturais, sociais, familiares, pedagógicos, orgânicos, intrapsíquicos entre outros. Aprender passa pela observação do objeto, pela ação sobre ele, pelo desejo. A aprendizagem é a articulação entre saber, conhecimento e informação. Esta última é o conhecimento objetivado que pode ser transmitido, o conhecimento é o resultado de uma construção do sujeito na interação com os objetos PIAGET (1973) e o saber é a apropriação desses conhecimentos pelo sujeito de forma particular, própria dele, pois implica no inconsciente.

É importante esclarecer que esses aspectos não existem isoladamente, e com isso quero dizer que não há nada que aconteça no âmbito de um desses aspectos que interfira ou modifique todos os demais. Assim, a categoria sintoma escolar abarca conceitos como dificuldades de aprendizagem escolar, problemas específicos da aprendizagem escolar, distúrbios da aprendizagem escolar, déficit de atenção, distúrbio de leitura, distúrbios de escrita, dislexia, distúrbios de conduta e outros. São sintomas apresentados de formas diferentes para cada sujeito, assim como também é sua forma de aprender. A partir disso, pode-se definir aprendizagem como uma construção singular que o sujeito vai fazendo a partir de seu saber e assim ele vai transformando as informações em conhecimento, deixando sua marca como autor e vivenciando a alegria que acompanha a aprendizagem.

Contudo seguem-se as afirmações Pain (1992), quando em sua obra descreve a aprendizagem como é acompanhada por uma cultura, podendo esta ser ou estar sintomática. Ao falar na dedicação cultural do sintoma na aprendizagem estamos nos referindo ao papel da escola em sua ocorrência. Essa instituição objetiva responder a um ideal de educação e traz consigo a dimensão do impossível. Preparada para receber a criança ideal e tendo em vista responder as demandas narcísicas da humanidade está fatalmente fadada ao fracasso. Essa mesma trama que impõe à escola a dimensão do impossível determina a urgência na anulação de seus efeitos. Estruturadas em torno de um conceito imaginário da criança

ideal, projeta na criança o real da culpa pela impossibilidade de concretização dos fins a que se destina. A criança que não aprende o que a escola determina suporta toda a rejeição destinada àqueles que questionam o ideal narcísico.

Se, por um lado em nossa cultura, o não aprender é uma imagem excessivamente desvalorizada de si mesmo e uma deterioração do eu, por outro lado, a condição biológica do ser humano é mais um agravamento na urgência determinada pela natureza do sintoma. Pois a maturação biológica pode imprimir-lhe irreversibilidade orgânica, em resposta do meio, ao sujeito que o suporta. As condições de possibilidade desse sintoma na singularidade são também uma questão essencial, quando se pesquisam os problemas de aprendizagem. Trata-se de compreendermos quais os aspectos da personalidade que resultam em uma predisposição para a formação desse sintoma.

A compreensão dessa relação resgata a originalidade e a autonomia do sujeito e traz de volta a criança real, perdida na modernidade, justamente quando surge à noção de infância e a fantasia da criança ideal. Pensar no sentido desse sintoma coloca, então, questões fundamentais: diante do peso da cultura, quais são as condições de possibilidade desse sintoma culturalmente determinado, ou seja, qual a natureza da relação psique-mundo que determina a formação desse sintoma de contemporaneidade BOSSA (2002). Que traz a dificuldade escolar entre os problemas mais estudado e discutido. Porém, o que ocorre muitas vezes é a busca pelos culpados de tal fracasso, e a partir daí, percebe-se um jogo onde ora se culpa a criança, ora a família, ora uma determinada classe social, ora todo um sistema econômico, político e social. Mas será que existe mesmo um culpado para a não aprendizagem

Se a aprendizagem acontece em um vínculo, se ela é um processo que ocorre entre subjetividades, uma única pessoa pode ser culpada Alicia Fernández nos lembra de que a culpa, o considerar-se culpado, em geral, está no nível imaginário e coloca que o contrário da culpa é a responsabilidade. Para ser responsável por seus atos, é necessário poder sair do lugar da culpa (FERNÁNDEZ, 1991).

Quanto ao sentimento de culpa, Olivia concorda com Alicia, contudo, não pretende expurgar a responsabilidade de um fracasso escolar. Que o propósito é discuti-lo como um elemento resultante da integração de várias **forças** que englobam o espaço institucional, o espaço das relações vinculares entre quem ensina e aprende, seja na instituição escolar/familiar e a sociedade em geral. Ela explica ainda que, quando se fala em fracasso, supõe-se algo que deveria ser atingido. Definido como um mau êxito, uma ruína. Porém mau êxito em quê De acordo com que parâmetro O que a nossa sociedade atual define como sucesso Ela ressalta ainda, a necessidade de analisar o fracasso escolar de forma mais ampla, considerando-o como peça resultante de muitas variáveis (OLIVIA,2005).

Variáveis que resultam de uma sociedade de consumo, onde se busca cada vez mais o êxito profissional, a competência a qualquer custo e a escola também segue esta concepção. Aqueles que não conseguem responder às exigências da instituição podem sofrer com um problema de aprendizagem. A busca incansável e imediata pela perfeição que leva à rotulação daqueles que não se encaixam nos parâmetros impostos (BOSSA, 2002), assim como também a padronização em avaliação cria os preconceitos que bloqueiam a visão. Um olhar que ensina a não ver e, graças a essa não visão, o poder se torna intangível, pois seus verdadeiros mecanismos não podem ser desvendados. Assim, torna-se comum o surgimento em todas as instituições educativas de “crianças problemas”, de “crianças fracassadas”, disléxicas, hiperativas, agressivas etc. Esses problemas tornam-se parte da identidade da criança, onde se perde o sujeito, e ele passa a ser uma dificuldade.

Dificuldade que pode ser deslocada para uma timidez ou refúgio, pois o que se observa é que perigosamente, o educando vive, muitas vezes, o anonimato em sala de aula, ou seja, não são verdadeiramente olhados em sua realidade concreta, em seus sentimentos. Como não se procura entender suas perguntas, suas hipóteses, sua particular trajetória de construção de conhecimento, refugia-se. Desta forma, ao passar pelo portão da escola, a criança assume o papel que lhe foi atribuído e tende a correspondê-lo. Porém, ao conceder um rótulo à criança não se observa em que circunstâncias ela apresenta tais dificuldades. Isso não é apenas uma diferença terminológica, ela revela uma possibilidade de mudança (SCOZ, 1998).

A sociedade do êxito educa e domestica seus valores e mitos relativos à aprendizagem que muitas vezes levam muitos ao fracasso. No sistema educacional, o conhecimento é considerado conteúdo, uma informação a ser transmitida. As atividades visam à assimilação da realidade e não possibilitam o processo de autoria do pensamento tão valorizada por Alicia. Ela define como autoria “o processo e o ato de sentidos e de reconhecimento de si mesmo como protagonista ou participante de tal produção” (FERNANDEZ, 2001, p.90). Verifica-se que este caráter informativo da educação se manifesta até mesmo nos livros didáticos, nos quais é levado a memorizar conteúdos sem pensar; não ocorrendo de fato uma aprendizagem. Alicia analisa que é preciso distinguir aquilo que é próprio da criança, em termos de dificuldades, daquilo que ela reflete em termos do sistema em que se insere.

Para (FORQUIN, 1999), a cultura escolar refere-se ao resultante da combinação de diferentes âmbitos culturais: do professor, do aluno, e dos funcionários em geral. Onde cada qual com suas especificidades, formam uma realidade única. A instituição escolar deve conhecer e respeitar as diferentes culturas que esta abriga, além de uma boa dose de compreensão em busca de uma escola mais humana e mais alegre, onde a satisfação cultural seja uma constante. Que a família, por sua vez, seja comprometida como responsáveis pela aprendizagem da criança. Pois os pais são os primeiros a ensinar as atitudes para seus filhos frente às emergências de autoria dos mesmos.

Em uma entrevista recente, ao defender a necessidade de que os pais dos alunos devam ser mais ouvidos, para a obtenção de dados significativos sobre os alunos, (GADOTTI, 2000) afirmou categoricamente que o aluno não é um aprendiz de diversas disciplinas, mas de um sujeito em toda sua totalidade. Ao pensar assim, entende-se melhor a que se refere, ou seja, estar implicado numa compreensão tolerante e reconhecadora das diferenças e das transformações que estas podem operar na escola.

Ao falar em famílias possibilitadoras de aprendizagem tem-se uma tendência a excluir as famílias de classes baixas que não podem fornecer uma qualidade de vida satisfatória, como alimentação adequada e acesso a diversas formas de cultura como: cinema, teatro, cursos, computador, etc., entretanto, é possível a existência de facilitadores de autoria de pensamento mesmo convivendo com carências econômicas. Em “o saber em jogo”, Alicia cita uma pesquisa com famílias de classe baixa facilitadoras da aprendizagem. O que caracteriza estas famílias é a criação de um espaço favorável para que cada membro possa escolher e responsabilizar-se pelo escolhido, propiciando um espaço para a autoria de pensamento. Onde o perguntar é possível e favorecido, porque existe aceitação das diferentes opiniões e ideias. Condições estas que não são comuns em famílias produtoras de problemas de aprendizagem (FERNÁNDEZ, 2001).

Problemas, dificuldade, fracasso ou mesmo sintoma na aprendizagem poderá ser diminuído se houver aceitação do diferente. Além disso, segundo (MANNONI, 1983), um sintoma não deve ser considerado de forma única, isolado, mas sim dentro de um contexto muito mais amplo e repleto de significados. Assim acontece com o fracasso escolar, ele pode assumir, dentro da família, uma função. Daí a necessidade de buscar o significado do “não aprender”, analisando a história de vida do sujeito e buscando uma significação das fantasias relacionadas ao ato de aprender. Uma questão que contribui para o fracasso escolar, é a própria instituição educativa que muitas vezes não leva em consideração a visão de mundo do aprendente.

As discrepâncias entre o desempenho fora e dentro da escola são significativas. Ou seja, muitas vezes os profissionais da educação não conseguem transpor o conhecimento ensinando para a realidade do aprendente. Isso pode ser exemplificado no livro: “Na vida dez, na escola cedo” que trata do ensino da matemática, onde na escola, os alunos vão mal, porém em situações naturais cotidianas, e que necessitando de um raciocínio matemático eles vão muito bem (SHLIEMANN, 2010).

Outra questão referente à escola é que esta, ao valorizar a inteligência, se esquece da interferência afetiva na não aprendizagem. O sujeito pode estar em dificuldades de aprendizagem por ter ligado este fato a uma situação de desprazer. Esta situação pode estar ligada a algum acontecimento escolar. (CLAPARÉDE apud THIESSEN, 1997) diz que a escola pode provocar na criança conflitos que influenciarão seu gosto pelo aprender. Ao falar de dificuldade de aprendizagem, além de tentar analisar os fatores que contribuem para seu surgimento, é necessário conceituar aquilo que viria a ser seu oposto: a aprendizagem.

A final de contas, esses fatores que surgem são os paradoxos que fazem parte da vida e quer queira ou não, são inseridos no cotidiano escolar para serem digeridos e simbolizados. Pois a mesma escola que apresenta problemas e/ou dificuldades, pode ser o melhor lugar onde se faz amigos, como diria Paulo Freire, já que ela é composta de gente que trabalha, estuda, que se alegra, se conhece, e se estima. Escola, na qual será cada vez melhor, na medida que cada político, família, professor/aluno, implicarem-se como cuidadores e responsáveis. Nada de ilha cercada de gente por todos os lados e isoladamente cada um por si. A importância na escola não é só estudar, é criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se amarrar nela. Em uma escola assim, é lógico que vai ser fácil estudar, crescer, fazer amigos, educar e ser feliz” (FREIRE, 2000).

Mesmo não sendo tão fácil o enfrentamento das dificuldades entre amigos, estes podem trazer conforto, amparo, e consequentemente prazer e felicidade. Como já foi mencionado por Alicia, a aprendizagem é um processo vincular, que se dá no vínculo entre pessoas. Ou seja, ocorre entre subjetividades. Para aprender, o ser humano coloca em seu organismo herdado, seu corpo e sua inteligência construídos em interação e dimensão inconsciente, sempre com o outro, seu semelhante. Com isso, a aprendizagem tem um caráter subjetivo, pois o aprender implica em desejo que deve ser

reconhecido pelo aprendente (FERNÁNDEZ, 2001).

Desejo, como um terreno fértil que nutre a relação no processo de aprendizagem, que pode muito bem evidenciar falhas na relação vincular entre ensinante-aprendente, evidenciando o fracasso ou problema escolar da criança e mascarando o problema do docente, quanto o ensinamento. Confirmando com isso, que o problema de aprendizagem pode ser um sintoma de outros conflitos ou ainda, uma inibição cognitiva a ser decifrada, como um enigma tanto para quem aprende como para quem ensina.

Porém, Porto (2013), em sua obra chama atenção para a prática do psicopedagogo institucional. Esse profissional segundo a mesma, precisa saber ouvir para, por intermédio das crenças expressas, dos pensamentos apresentados, dos sentimentos demonstrados e dos valores revelados, compreender a lógica subjacente ao conteúdo das percepções. Deve trabalhar com múltiplas fontes de dados, decorrentes do uso que faz de inúmeros métodos, seja: observação, conversas causais, entrevistas e documentos. E com múltiplos tipos de participantes envolvidos: secretárias de educação, orientadores educacionais especialistas em currículo, diretores, professores, entre outros. Com participações de várias situações: reuniões de diversos tipos, oficinas de trabalho. Ou seja, **ressignificar práticas da educação para uma sociedade inclusiva**, significa fazer a inclusão de todos os responsáveis pelo processo, não apenas o aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações que não são finais, seguem como provocações para algumas reflexões: Que o psicopedagogo deseje buscar o que significa **o aprender** para si, para o aluno, sua família, sua escola, e tentar descobrir a função do não aprender, baseado no seu próprio desejo. Que curiosamente venha desejar conhecer como se dar o circuito da aprendizagem sobre as dificuldades, modificando seu modo de pensar e agir com relação à criança. Significa preocupar-se mais com os processos inconscientes e não somente com os patológicos. E assim, fazer uma escuta particular do sujeito que possibilite não só encontrar as causas do não aprendizado, mas também organizar metodologias para facilitar a aprendizagem e o desempenho escolar.

Desempenho que será facilitado, após saber das causas, por uma metodologia adequada. Ou seja, um caminho a considerar os fatores implicados durante o processo de aprendizagem, pois os mesmos podem contribuir para a exclusão do aluno, seja ele denominado por problema, dificuldade, fracasso ou mesmo sintoma. Exclusão que pode ser diminuída se houver aceitação do diferente, e flexibilidade para uma escuta e compreensão. Este será o método, onde o psicopedagogo encontrará seu papel. Ou seja, ocupar-se preventivamente de uma demanda social, que é o problema de aprendizagem, para transforma-la em uma necessidade humanamente pessoal: Aprender a aprender.

Por fim, a psicopedagogia, esse território que fica situado, muito além dos limites da psicologia/pedagogia, que ela se torne um lugar gentil. Habitado por gente desejosa de integrar o afetivo/cognitivo ao ato de aprender, desenvolvendo não só a aprendizagem das diferentes áreas do conhecimento, como também aceitação das diferenças, e assim contribuir para a realização, especialmente de fazer na educação: **Ressignificações psicopedagógicas para uma sociedade inclusiva**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia Científica**: filosofia e pratica da pesquisa. – 2 Ed. – São Paulo: Cengage Learning, 2015.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento educacional especializado**: pessoa com surdez. SEESP/SEED/MEC, Brasília: DF, 2007.

BOSSA, Nádia A. **Fracasso escolar**: um olhar psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed Ed., 2002.

_____. **A Psicopedagogia no Brasil**: Contribuições a partir da prática. 2º ed. Revista e atualizada. Porto Alegre: Artes médicas Sul, 2000.

FERNÁNDEZ, Alicia. **Os idiomas do aprendente**: análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **A inteligência aprisionada**: Abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. 2º ed. Ver. E atual. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

DESLANDES, SUELY FERREIRA e MINAYO, MARIA CECILIA DE SOUZA. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 30 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. **Uma escola chamada vida**. São Paulo: Ática, 2000.

FONSECA, Vítor. **Uma Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Lisboa: Notícias, 1987.

FORQUIN, C. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. RJ: Paz e Terra, 1999.

GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã**: uma utopia virando realidade. Jornal do Brasil, Seção Educação e Trabalho, 2000.

MANNONI, Maud. A criança, sua “doença” e os outros: O sintoma e a palavra. Rio de Janeiro: Zahar. 1983.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na Educação e na Política**. BH: Editora UFMG, 1998.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação**. RJ: José Olympio, 1973.

PORTO, Olivia. **Bases da Psicopedagogia**: Diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2005.

_____. Olivia. **Psicopedagogia Institucional**: Da Teoria a Prática Assessoramento a Escola. Rio de Janeiro: Espaço das letras, 2013.

_____. Olivia. **Psicopedagogia Clínica**: Teoria, diagnóstico e intervenção nas dificuldades, distúrbios e transtornos de aprendizagem. Rio de Janeiro: Espaço das letras, 2013.

_____. Olivia. **Orientação Educacional**: História, Trajetória. Teoria, Prática e Ação. Rio de Janeiro: Espaço das letras, 2013.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e Realidade escolar** – O Problema Escolar e de Aprendizagem. 4º edição. Petrópolis: Vozes, 1998.

SHLIEMANN, Ana Lucia. **Na vida dez, na escola zero**. São Paulo: ed. Cortez, 2010.

THIESSEN, Maria Lucia e BEAL, Ana Rosa. **Brinquedos na pastoral da criança**. Curitiba: CNBB, 1997.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia Científica**: filosofia e prática da pesquisa. – 2 Ed. – São Paulo: Cengage Learning, 2015.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento educacional especializado**: pessoa com surdez. SEESP/SEED/MEC, Brasília: DF, 2007.

BOSSA, Nádia A. **Fracasso escolar**: um olhar psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed Ed., 2002.

_____. **A Psicopedagogia no Brasil**: Contribuições a partir da prática. 2º ed. Revista e atualizada. Porto Alegre: Artes médicas Sul, 2000.

FERNÁNDEZ, Alicia. **Os idiomas do aprendente**: análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **A inteligência aprisionada**: Abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. 2º ed. Ver. E atual. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

DESLANDES, SUELY FERREIRA e MINAYO, MARIA CECILIA DE SOUZA. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 30 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. **Uma escola chamada vida**. São Paulo: Ática, 2000.

FONSECA, Vítor. **Uma Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Lisboa: Notícias, 1987.

FORQUIN, C. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. RJ: Paz e Terra, 1999.

GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã**: uma utopia virando realidade. Jornal do Brasil, Seção Educação e Trabalho, 2000.

MANNONI, Maud. A criança, sua “doença” e os outros: O sintoma e a palavra. Rio de Janeiro: Zahar. 1983.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na Educação e na Política**. BH: Editora UFMG, 1998.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação**. RJ: José Olympio, 1973.

PORTO, Olivia. **Bases da Psicopedagogia**: Diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2005.

_____. Olivia. **Psicopedagogia Institucional**: Da Teoria a Prática Assessoramento a Escola. Rio de Janeiro: Espaço das letras, 2013.

_____. Olivia. **Psicopedagogia Clínica**: Teoria, diagnóstico e intervenção nas dificuldades, distúrbios e transtornos de aprendizagem. Rio de Janeiro: Espaço das letras, 2013.

_____. Olivia. **Orientação Educacional**: História, Trajetória. Teoria, Prática e Ação. Rio de Janeiro: Espaço das letras, 2013.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e Realidade escolar** – O Problema Escolar e de Aprendizagem. 4º edição. Petrópolis: Vozes, 1998.

SHLIEMANN, Ana Lucia. **Na vida dez, na escola zero**. São Paulo: ed. Cortez, 2010.

THIESSEN, Maria Lucia e BEAL, Ana Rosa. **Brinquedos na pastoral da criança**. Curitiba: CNBB, 1997.